

EM BUSCA DE RESPOSTAS: DEUS EXISTE?

Ieda Tinoco Boechat (UENF)

iedatboechat@hotmail.com

Carlos Henrique Medeiros de Souza (UENF)

chmsouza@gmail.com

Leila Maria Tinoco Boechat Ribeiro (UENF)

leilaboechat@yahoo.com.br

RESUMO

O meio sociocultural influenciado pelo conhecimento dito científico imbuído do pensamento cartesiano busca perscrutar e analisar o objeto de estudo, para encontrar respostas precisas nas quais se possa confiar e se embasar para afirmar verdades absolutas, fundamentos para novas pesquisas. Muitas pessoas estendem este pensamento a (quase) tudo na vida, inclusive em relação a Deus. Assim, este artigo problematiza a seguinte questão: como saber se Deus existe? Com o objetivo de analisar proposições acerca da existência de Deus, o texto investiga, por meio de pesquisa bibliográfica, partindo de uma proposta interdisciplinar, a relação entre arte e eternidade, condição humana e fé, espiritualidade e virtualidade na era pós-moderna, considerando a contribuição de autores existencialistas e os poemas e vivências do poeta Pedro Lyra.

Palavras-chave:

Existência como arte. Espiritualidade. Pós-modernidade. Virtualidade.

1. Introdução

Na X Jornada Nacional de Linguística e Filologia da Língua Portuguesa, realizada na Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF), em novembro de 2015, afirma o preletor da manhã, Pedro Lyra, professor titular de Poética nesta Universidade, que uma questão antecede a crença em Deus: saber se Deus existe. Um encontro acadêmico promove reflexão ou seria inócuo. As aulas de uma Pós-Graduação também. Em 2017, ministrando a disciplina Arte e Representação Social: a arte na pós-modernidade, sempre colocando em diálogo arte e religião, Pedro Lyra (2017) vem incrementando tais reflexões, salientando que a convicção religiosa e a arte são “muito subjetivas”, são “emoções intransferíveis”.

No cenário contemporâneo, acadêmicos, cientistas, cineastas, filósofos, psicólogos, enfim, estudiosos têm-se debruçado sobre essa temática, buscando discutir a possibilidade/necessidade de provas da existência de Deus e, também, da inexistência de Deus.

Este texto parte da provocação lyriana “Como crer em Deus se não se sabe se Ele existe?” para eleger sua questão-problema: Como saber se Deus existe? Na literatura ocidental, a obra que, historicamente, melhor apresenta Deus é a Bíblia Sagrada, mostrando um esforço de Deus no sentido de o homem valorizar menos os dogmas e mais o relacionamento pessoal com Ele, em vez de se colocar como passivo espectador de suas benesses; parece mesmo um convite ao desprendimento de rituais para o movimento em direção a uma relação espiritualizada: “Porque eu quero misericórdia, e não o sacrifício; e o conhecimento de Deus, mais do que os holocaustos” (BÍBLIA, A.T., Os. 6.6, p. 846). A proposta do livro parece ser, assim, a de um relacionamento virtual pessoa a pessoa na mediação de Cristo Jesus.

Entretanto, o homem ocidental resiste à validação das verdades subjetivas, inebriado que se encontra pelo método considerado científico. As pesquisas interdisciplinares não o abolem e se abrem ao arranjo de teorias e métodos, a fim de alargar o conhecimento disciplinar. Desse modo, o conhecimento construído com base no método fenomenológico, no qual se apoiam os existencialistas em suas investigações, entra no diálogo nesse espaço de articulação de saberes.

Este artigo se elabora, então, com base na contribuição de autores como Pedro Lyra (2005), Jean-Paul Sartre (2013), André Lemos e Pierre Lévy (2014). Assim, tem-se uma metodologia qualitativa, quanto ao problema; pesquisa exploratória, quanto aos objetivos, e pesquisa bibliográfica, quanto aos procedimentos técnicos.

2. A arte e a eternidade: o poeta e os existencialistas

Pedro Lyra (2017) relata ter começado a perder a fé em Deus quando criança. Ele questionava a existência de Deus: se Deus realmente existe, por que as pessoas sofrem tanto? Questionava a professora de catequese: se Deus estava em toda parte, Ele estaria dentro da lata de lixo? Invocando o demônio, o menino Pedro queria respostas. Certa feita, ele perdeu sua “caixinha de contos” – uma caixinha de cigarros que abrigava maços de cigarros estrangeiros planejados, que, nas brincadeiras, funcionavam como “notas de contos de réis”. Muito triste com a perda, ele fez uma novena para Deus fazer reaparecer sua tão estimada e preciosa “caixinha de contos”. No último dia das orações, sua expectativa era a de que acordaria com a caixinha ao lado de sua cama. Isso não aconteceu. Então, começou a questionar se Deus, de fato, existia. Se sim, por que não o te-

ria atendido? Sua professora de catequese respondeu-lhe em termos de merecimento, o que o desapontou ainda mais. Na sua experiência de menino, como Deus não respondera na mesma direção esperada por ele, Pedro dá sua resposta: se Deus existisse, teria atendido às suas orações; Deus não deve existir. Desde criança, ele se coloca no mundo de modo questionador como um *Dasein* de Martin Heidegger (2012), que diferencia o homem dos demais entes, porque ele, diferentemente dos “seres simplesmente dados”, pergunta pelo sentido do ser.

Anos se passaram, nova experiência leva o, agora, poeta a reafirmar sua concepção. Ao se separar de sua segunda esposa, Pedro Lyra (2017) se acomoda em um hotel e deixa sua mala do lado de fora do apartamento. Durante a noite, tem um sonho. Uma voz, numa língua que não identifica, diz-lhe: “Eu salvarei tua casa e teu amor”. Ele acorda, procura pela mala e se surpreende com a mala ainda ali no corredor à porta de seus aposentos. Irritado, pensando “que salvou que nada!”, dessa vez, o poeta decide responder a Deus, escrevendo *Confronto: um Diálogo com Deus*.



No livro, o autor expressa a sua indignação e demonstra sua decepção com um Deus que não responde tal como ele espera, construindo seu poema através de versífrases que quebram a linearidade formal e evidenciam as provocações – verdadeiras confrontações – Àquele que parece se postar indiferente às desgraças da existência humana. Ele não deve mesmo existir. Pedro Lyra (2017) menciona que a obra deveria se chamar *Confronto: diálogos com Deus*, pois Deus, “tema central da condição humana”, é confrontado em relação a diversos pontos de vista sob uma multiplicidade de temáticas: bem e mal, justiça e injustiça, riqueza e miséria, delícias e dores.

Pedro Pedro Lyra, pós-doutor em Tradução Poética pela Universidade de Paris-III / Sorbonne Nouvelle (2005), considera que a arte torna tudo mais belo. Segundo Pedro Lyra (2017), a arte cria uma segunda vida superior à vida real, livre e ilimitada na imaginação: a realidade tratada com arte fica superior à realidade comum. Se uma pessoa não deixa uma obra, um feito, uma descendência, cairá no esquecimento, não se eternizará, terá vivido em vão. O poeta afirma que o apelo profundo da arte é superar a morte através de uma vida eterna historicizada na obra do autor, enquanto o da religião é superar a morte através de uma vida eterna espiritualizada pela fé. Ilustra a importância da obra para seu autor com o naufrágio de Luís Vaz de Camões: ali, somente quem não podia morrer era seu poema, pois sua vida e suas emoções estavam nele. O poeta é sua poesia. O artista vive para sempre através de sua obra. Luís Vaz de Camões, eternizado em seu país natal, tem no dia de sua morte um feriado nacional.

No entanto, pensar a eternidade leva a considerar não apenas a vida após a morte. Vida eterna é eterna: era, é e há de ser. Não começa a partir da morte. Para Martin Heidegger (2012), a morte é a oportunidade que o homem tem de se atualizar e realizar autenticamente sua existência, escolhendo existir de modo mais próprio e pessoal. A morte, portanto, traz a urgência pela vida e totaliza o homem, pela possibilidade de ele atualizar o seu poder-ser para vir a ser enquanto existe. Ao se deparar com sua finitude e mortalidade, ele se angustia e considera com mais atenção a constituição de sua essência enquanto existe.

Existência é contingência. Não há certezas e garantias na vida nem na morte. Para Søren Aabye Kierkegaard, segundo Charles Le Blanc (2003), a existência do homem é “mera possibilidade”. Assim, valorizando o instante, vive o “homem estético”, explorando os possíveis e as sensações, sem constituir vínculos duradouros e sem se importar com o amanhã, hedonista e imediatista, assume a figura do “sedutor”. Se ele experimenta o tédio, busca um estilo de vida do “homem ético”, que vive na duração do tempo, engaja-se em projetos e se responsabiliza por compromissos assumidos socialmente, na figura do “esposo”. Se, ainda assim, não se realiza, experimenta o desespero e busca o estilo de viver do “homem religioso”, cujo estado de espírito excede e domina delimitações conceituais, se desprende do já instituído e se lança a despeito de regras sociais, valores morais, costumes e tradições de sua cultura; segue a vida e vive o que precisa viver, a partir de sua relação pessoal com o Todo-

Poderoso. Ele precisa de uma verdade pela qual valha a pena viver ou morrer.

Cabe esclarecer que tais estágios – atitudes humanas fundamentais influenciadas e modificadas por sentimentos – não são compreendidos como subsequentes, o que contrariaria a proposta de Søren Aabye Kierkegaard, já que para ele a existência humana não se encaixa em um sistema, porque um sistema não abarca a realidade humana: “O sistema é abstrato, a realidade é concreta. O sistema é racional, a realidade é irracional. A realidade é tudo menos sistema [...] ‘A subjetividade é a verdade, a subjetividade é a realidade’” (KIERKEGAARD, *apud* PENHA, 2001, p. 16).

3. *A condição humana e a fé*

Na concepção de Søren Aabye Kierkegaard, conforme elucidada Charles Le Blanc (2003), a existência do homem é concreta e, no confronto com os possíveis, ele conforma sua singularidade, em um embate de alternativas que se aliam ao desconhecido da possibilidade para promoverem hesitação em escolher, gerando angústia na relação do homem com o mundo, um sentimento de mal-estar experimentado por ele ante a sua existência. “Cada decisão mobiliza a pessoa integralmente: este é o segredo do poder paralisante da existência como possível”. (LE BLANC, 2003, p. 51)

Na sua relação consigo mesmo, o homem experimenta o desespero, já que as possibilidades são infinitas, mas as suas próprias são limitadas. “O desespero consciente de sua existência se revela de duas formas: uma na qual se deseja desesperadamente ser si próprio; outra na qual não se deseja desesperadamente ser si próprio” (FEIJOO, 2000, p. 63). Na primeira, prossegue a autora, o homem, apaixonado pela ilusão de ser o que não é, aspira ser um outro que não é; com sua passividade, vive no irrefletido, percebendo o desespero como externo; por não reconhecer o seu eu, inquieta-se quanto à morte, questionando se a imortalidade é uma realidade. Na segunda, não mais esquecido de si próprio, o homem toma o desespero como ação, reconhecendo que este vem dele; mas, reconhecendo tanta fraqueza, continua a querer não ser si mesmo, sem, no entanto, esquecer-se de si próprio.

Na sua relação com Deus, o homem experimenta o paradoxo. “Ele sente-se, portanto, paradoxalmente, tanto mais atraído para Deus quanto

maiores forem seu erro e sua culpa” (LE BLANC, 2003, p. 74). “O homem, por sua natureza pecaminosa – ou seja, lançado às possibilidades – vive na intranquilidade. O pecado original, que implica a liberdade de escolha, traz a consciência da culpabilidade, o sofrimento e a angústia” (FEIJOO, 2000, p. 67). Se o homem aceita a condição humana, ele se desprende do desacordo do encontro entre a finitude e a consciência (religiosa) da eternidade ao tomar consciência do limite da condição humana e experimenta o paradoxo na sua relação íntima e pessoal com Deus – uma relação possível, não necessária, sabedor de que

A fé não oferece qualquer certeza intelectual, certamente, mas oferece mais para aliviar a condição humana: ter fé é *assumir os riscos* que derivam das possibilidades da existência. Ora, aqui está a verdadeira escolha diante da existência: não é escolher isso ou aquilo, cair na angústia ou no desespero, mas *assumir os riscos da existência* pela fé ou não. A esse respeito, Kierkegaard diz que não se trata de escolher isso ou aquilo, mas “escolher querer”, ou seja, em primeiro lugar assumir uma responsabilidade (LE BLANC, 2003, p. 51-52, grifos do autor).

A fé kierkegaardiana é decisão, é decidir crer e assumir a responsabilidade pela decisão. A fé é portadora de angústia, a fé é paradoxo; ela leva o homem além da razão e de toda possibilidade de compreensão. O homem pode assumir uma posição na existência em que a fé tenha sentido e importância.

A fé não apazigua a consciência, não garante ao crente que ele será tocado pela graça – o homem está em um estado de pecado –, e sim lança-o em incertezas que alimentam tanto mais sua angústia quanto o desafio é a beatitude eterna de sua alma, sua Salvação. Mas é nessa situação que o homem, na incerteza e no pecado, pode entrar como *Indivíduo* em relação absoluta com o Absoluto: é pelo pecado de fato que o *homem* estabelece uma relação única e pessoal com Deus. (LE BLANC, 2003, p. 76)

Nessa perspectiva, para Søren Aabye Kierkegaard, o “[...] paradoxo da condição humana, caracterizada pela sede absoluta de verdade e pelo pecado, inerente a nossa natureza, é um *escândalo* em si, escândalo do qual o cristianismo pretende ser a expressão” (LE BLANC, 2003, p. 74): o Salvador não se salva, sofre como homem e fala como Deus; o homem pede a Deus fé, sendo esta oração um dom de Deus; Deus manifesta sua onipotência em formas abjetas, como a de um homem martirizado.

Intitulando-se um autor religioso, cujos escritos se dirigem para o cristianismo e o problema do devir cristão, de acordo com Charles Le Blanc (2007), Søren Aabye Kierkegaard polemiza a “monstruosa ilusão” chamada cristandade. Nessa empreitada, diferencia “cristianismo institu-

cionalizado” de “cristianismo paradoxal”. O primeiro abandona o paradoxo para viver uma religião domingueira num banco de igreja, para o qual importa a moral, não a fé, permanecendo do “estágio ético”. O segundo admite o paradoxo, uma fé que implica uma relação pessoal absoluta com o Absoluto, uma verdade não conceitual, mas uma “verdade para mim”, em que o cristão testemunha o cristianismo diariamente e não vive abstratamente sua verdade, mas aceita ser atizado por todas as tempestades: “o *engajamento* da existência do cristianismo paradoxal inevitavelmente entra em conflito com os compromissos da moral mundana, com as falsas aparências da vida social e a mediocridade das semivocações”. (LE BLANC, 2003, p. 77)

Existir é se lançar, substituindo a dialética hegeliana, que é o “processo do consenso”, a evolução na lógica, para viver a dialética kierkegaardiana, que não é feita de sínteses consensuais, mas de rupturas, e que tem a intenção de mostrar o paradoxo, a impossibilidade de conciliar os termos opostos como forma de uma verdade superior, sentindo toda a desproporção da relação com Deus, tal como apresenta Charles Le Blanc (2003). De acordo com Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo (2000), Søren Aabye Kierkegaard enfatiza que o “eu” é atividade, eterno movimento, então, cabe ao homem entregar-se ao “movimento dialético do existir” e transitar pelos paradoxos da existência: necessidade/possibilidade; finito/infinito; eterno/temporal. Mas, se isto não acontece, ocorre a “perda do eu”. Se permanece atrelado ao necessário, o homem justifica o não fazer no mundo na ameaça do externo e torna-se determinista e fatalista, não fazendo da possibilidade uma realidade, delegando tudo a Deus, a quem tudo é possível. Mas, preso às possibilidades, esquece-se dos seus limites, pensa que nada pode detê-lo; desvinculado do necessário, torna-se uma abstração; tenta tornar-se algo que não é; não concretiza seus projetos. Perdido no finito, o homem vive eterna repetição das realizações do impessoal; esquece-se de si, de seu nome, não corre riscos; teme ousar ser. Se, no entanto, ele se perde no infinito, atua no imaginário e não realiza, afastando-se de si, desviando-se do regresso a si próprio. O homem, se perdido no eterno, sente-se imortal e especial; tudo pode acontecer com todos menos com ele; não se resguarda e não se previne da morte; vislumbra sempre o futuro e não vivencia o imediato. Porém, se se perde no temporal, faz de tudo para evitar ou adiar sua morte, e tenta controlar o devir, apegado que está ao presente ou ao passado.

Nessa arte de se fazer, a noção de livre arbítrio lhe parece mais uma controversa oportunidade de existir. Mas é justamente no uso desse

livre arbítrio submetido à própria condição humana que o homem promove a guerra e a paz. Nesse sentido, Jean-Paul Sartre (2013) menciona uma “universalidade humana de condição” para se referir a um conjunto de limites que delinham a situação fundamental do homem no universo.

O homem não pode escolher muitas coisas, como suas características genéticas, o momento histórico e a família em que nasce, mas pode decidir quem ele é. “Ele não simplesmente existe, mas decide qual será sua existência, o que ele se tornará no momento seguinte”. (FRANKL, 2008, p. 153)

Nessa arte de se fazer a si mesmo enquanto existe, no uso de seu livre arbítrio, o homem pode escolher incrementar o mal, a injustiça, a miséria e a pobreza ou pode se dedicar a tornar o mundo mais belo, justo, farto e rico. Não é Deus quem o faz escolher ser quem ele é.

Uma aproximação do fenômeno – a existência humana – para deixar que ele se mostre, tal como se mostra, tal como ele é, é a proposta do Método Fenomenológico husserliano, aplicado à clínica psicológica por Martin Heidegger, que se utiliza da interpretação hermenêutica para compreender o homem em seu modo de se colocar no mundo, mantendo-se, assim, no sentido que ele traz, afirma Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo (2000). Numa concepção husserliana, Yolanda Cintrão Forghieri (2002) pontua que a consciência é intencional, ou seja, dirige-se a algo, atribuindo-lhe um significado e um sentido orientador.

Diferentemente do método científico, portanto, o método fenomenológico não busca verdades absolutas baseadas em leis gerais para todos os homens, mas busca compreender o modo de existir de cada um. “Instaurar a racionalidade pela redução do óbvio da razão preconcebida, eis o objetivo da fenomenologia” (AUGRAS, 1986, p. 17). Talvez uma biografia possa elucidar os louros deste método de investigação da vivência.

Mel Gibson (2016) conta a história de Desmond Doss no filme *Até o Último Homem*. Adventista, adepto, em especial, do mandamento “não matarás”, Desmond Doss decidiu nunca mais tocar em uma arma quando, impedindo que seu pai atirasse em sua mãe, toma-lhe a arma, aponta-a para ele, mas consegue conter-se. Convocado intimamente para lutar por seu país na II Guerra Mundial, marcado por sua história familiar e convicto de sua religiosidade, Desmond Doss alista-se decidido a ir para o *front*, literalmente, desarmado para salvar homens e não matá-los. Disposto a transitar pelos paradoxos da existência, ele transgrediu ordens, subverteu o processo e, considerado “Objetor de Consciência”, foi

levado à Corte Marcial. Absolvido, serviu seu país como médico: Desmond Doss encontrava um soldado mutilado, encorajava-o, aplicava nele morfina e, sozinho, arrastava-o até conseguir colocá-lo em segurança por cordas Cordilheira abaixo; em seguida, ele pedia a Deus “mais um homem”. Assim, na Batalha de Okinawa, Desmond Doss salvou 75 soldados, dentre os quais um soldado japonês. Seus preceitos religiosos – não matar e guardar o sábado –, antes motivos de humilhação e punição passaram a ser respeitados por seus companheiros e superiores. Desmond Doss, no movimento dialético do existir, descumprindo um dogma religioso para atender a uma gentil solicitação do Sargento de voltar ao campo de batalha no dia seguinte, um sábado, para que os demais soldados pudessem fazê-lo, já que eles não iriam sem ele.

Decidir naquela complexa realidade da guerra o que era justo ou injusto não estava em questão para Desmond Doss, isso ele não podia fazer, ele não se colocava no papel de juiz. Ele podia escolher-se: ele serviu ao seu Deus, estabelecendo com Ele uma relação pessoal virtual, e serviu a seu país, mantendo uma relação física com seus iguais. No uso de seu livre arbítrio, ele foi o primeiro Objeto de Consciência da história norte-americana a ser condecorado com a Medalha de Honra do Congresso.

Não apenas a relação com Deus é virtual e divide eras na História da humanidade. Há uma outra espécie de virtualidade que vem demarcando os prenúncios da pós-modernidade.

4. As mídias digitais: marco da era pós-moderna

A era pós-moderna se delineia por novidades que se apresentam no cenário contemporâneo, mesclada por tendências diversas e marcada por controvérsias. Na opinião de Maria Lúcia de Arruda Aranha e Maria Helena Pires Martins (2009, p. 448),

Os principais postulados do pós-modernismo são:

- Não é possível haver uma interpretação verdadeira de uma obra;
- Uma obra de arte não é boa nem tem propriedades formais intrínsecas; o mérito artístico é função das contingências históricas e culturais;
- A arte e os produtos culturais humanos, em geral, moldam a cognição humana de tal maneira que se torna impossível ir além das narrativas, textos, discursos, “vocabulários” ou paradigmas dominantes a fim de estabelecer sua verdade e, desse modo, sua adequação (ARANHA & MARTINS, 2009, p. 448)

Zygmunt Bauman (2003) parece caracterizar a pós-modernidade referindo-se à “modernidade líquida”, em que as mudanças que a sociedade moderna atravessa vão do individualismo até as relações de trabalho, alcançam as famílias e a comunidade, promovendo mudanças também em relação ao tempo e ao espaço, que deixam de ser concretos e absolutos para serem líquidos e relativos. Zygmunt Bauman (2004), acreditando na fragilidade dos laços humanos, fala do “homem sem vínculos”, enfatizando a liquidez dos relacionamentos humanos, que pode ser vista nas frágeis e breves relações que se estabelecem por meio das novas tecnologias da informação e comunicação, como o namoro on-line.

De fato, a velocidade da circulação da informação pelos computadores, internet e satélites, para Maria Lúcia de Arruda Aranha e Maria Helena Pires Martins (2009), colabora para surgir uma estética adequada às condições de vida da “época de pós-tudo”, o pós-modernismo, iniciada na década de 50 na arquitetura italiana.

Da arquitetura, passa para as artes plásticas (*pop-art* dos anos 1950 e 1960), a literatura (o novo romance francês) e o teatro, com os *happenings* [espetáculos teatrais sem texto construídos pela interação atores-público], as *performances* [espetáculos de teatro, música ou artes visuais que se utilizam de várias linguagens artísticas], até chegar às intervenções [manifestações artísticas que interferem na vida da cidade]. (ARANHA & MARTINS, 2009, p. 447)

Mas, quando efetivamente começa a pós-modernidade, Pedro Lyra (2017) considera uma questão polêmica que divide opiniões. No entanto, Pedro Lyra também (2009) alude às mídias digitais e as coloca como um marco da era pós-moderna. Para o poeta, seria inconcebível pensar a Pós-modernidade apenas como simples aprimoramento de instrumentos da Modernidade; a primeira se implanta plenamente e se distingue da segunda pelo desenvolvimento tecnológico nas culturas mais desenvolvidas. Surge, assim, um novo tempo, uma nova era: a era da informática, com a Internet que conecta o mundo por um teclado, revolucionando as noções de espaço e tempo a um custo mínimo. “Como todas as grandes épocas da história, ela criou algo de específico: um espaço virtual – espaço não-geográfico, onde fatos e coisas podem se apresentar antes de acontecerem no espaço social ou físico, ou mesmo sem precisar atingi-lo”. (LYRA, 2009, s/p)

Nesse sentido, consoante André Lemos e Pierre Lévy (2014), as tecnologias e redes sem fio imprimem novas transformações sociais, práticas culturais e desenho no espaço urbano e as cidades entram na era da comunicação ubíqua e móvel. As mídias possibilitam uma conversação

de alteridades, em que povos, religiões e saberes diferentes se põem em diálogo, que se estabelece conectando universos de sentidos diferentes, um diálogo que se baseia na não objetividade da significação, pois os sentidos são construídos culturalmente no entrelaçamento dos espíritos humanos, que interpretam de modos diferentes os mesmos fatos, a partir de sua singularidade e trajetória.

“As mensagens são transmitidas por redes técnicas, mas a significação só existe no espírito” (LEMOS & LÉVY, 2014, p. 233). Afirmando que o mundo virtual é absolutamente físico e real, Pierre Lévy (2013) acrescenta:

O que é virtual, o que não é físico, o que é imaterial é a significação. O mundo da significação, que é o verdadeiro mundo virtual, podemos dizer, é um mundo que começa com a linguagem, não é um mundo que começa com os computadores.

Como percebido, o virtual não se opõe ao real, mas ao físico. Nessa perspectiva, Pedro Lyra (2009) prefere chamar de não concreto o que é virtual; contrariamente ao que versa essa era pós-moderna, virtual não se opõe ao real, mas simplesmente está destituído da concretude da coisa palpável, como um *e-book* que expõe seu conjunto de signos evanescentes na tela que pode se dissipar por um clique equivocado. O virtual, pois, tem sua realidade, termo que se origina do latim *res* e tem por sinônimo “coisa”, logo, tem seu modo próprio de existência. Na opinião do autor, a acessibilidade do *e-book* é infinitamente maior que a do livro, pois aquele está ao alcance de qualquer receptor, em qualquer parte do planeta, em qualquer tempo.

Albert-Laszlo Barabási (2009), no entanto, questiona essa acessibilidade do ambiente virtual, apontando que todas as informações podem estar disponíveis no ciberespaço, mas não necessariamente acessíveis, o que dependeria do número de cliques do usuário naquele *link* que leva a determinado *site* ou informação.

Outrossim, a virtualidade da espiritualidade não é física e está disponível a todos, mas não necessariamente acessível. Depende da intencionalidade do “usuário”. A divindade, Deus é não-físico e a relação com ele é virtual. Tal como os dados armazenados na memória mundial digitalizada, Deus está disponível, mas não necessariamente acessível. É preciso decidir estar nessa relação. Mas, como saber sobre Deus, crer em Deus, saber se Deus existe?

5. *Virtualidade e espiritualidade: uma questão de autoria*

Há autores que escrevem por pseudônimos e, ainda assim, estudiosos conseguem afirmar que tais e tais obras foram escritas por determinado autor. Segundo Charles Le Blanc (2003), Søren Aabye Kierkegaard escreveu por pseudônimos pela necessidade de exposição que encarnasse diferenças psicológicas que não poderiam ser representadas por um só autor e para indicar a distância do autor de sua obra, ao deixar as proposições dos personagens seguirem sua lógica sem necessariamente expressar o ponto de vista do autor.

Por um verso, não se apreende a poesia; por uma poesia, não se apreende a obra; por uma obra não se apreende o autor. Mas, a partir do estudo de todas as obras, mantendo-se a interpretação no sentido que o autor traz, tem-se uma noção da cosmovisão, das políticas (porque nenhuma música ou poesia, livro ou tese, tela ou obra de arte se cala ante a história) e dos propósitos do autor. Portanto, os estudiosos foram capazes de identificar as obras de Søren Aabye Kierkegaard e compilá-las, resguardando a intenção do filósofo, oferecendo delas uma leitura orgânica.

Mas, algumas vezes, não há como saber se uma obra é de determinado autor, não há como provar se ela se trata de plágio ou apropriação indevida da obra de outro autor. Dizem que a Bíblia é a palavra de Deus. Como sabê-lo? Talvez uma leitura desprentensiva a partir de uma interpretação hermenêutica possa permitir compreender o “espírito da coisa”, para se desprender do literal e buscar nas mensagens transmitidas pela tecnologia (virtual) a significação que só existe no espírito, pois pela coerência e coesão da coletânea, sabe-se de seu autor: “O qual nos fez também capazes de ser ministros de um novo testamento, não da letra, mas do espírito; porque a letra mata, e o espírito vivifica”. (BÍBLIA, N.T., II Co. 3.6, p. 208)

Vir a ser quem se pretende ser é arte. “Somos para nós próprios nossa própria obra de arte” (SARTRE, 1943, *apud* ERTHAL, 2010, p. 79). Religião é arte, na medida em que ela permite a pessoa se tornar quem ela pretende ser contando com a interação com Alguém especial, uma participação não necessária em seu “destino”. Segundo João Augusto Pompeia e Bilê Tatit Sapienza (2004, p. 169), o destino do homem é seu desenvolvimento: “[...] somos destinados a nos desenvolver na direção do horizonte para o qual caminhamos”.

Enquanto Søren Aabye Kierkegaard não questiona a existência de Deus por saber-se religioso; Jean-Paul Sartre e Martin Heidegger, por en-

tendimentos distintos, dizem que Deus não existe. Joao da Penha (2001), mostrando que existir refere-se ao devir humano, ao lançar-se no mundo, ao movimento para fora, explica que Martin Heidegger afirma que Deus não existe, simplesmente porque Ele é; o homem se faz essência enquanto experiencia sua existência e esse não é o caso de Deus. Segundo Jean-Paul Sartre (2013), se se admitir que Deus existe, ter-se-ia que admitir para o homem uma essência que o define *a priori*, pois ele seria um produto que Deus fabrica conforme está em Sua mente, seguindo uma definição e uma técnica; logo, estariam todos os homens, possuidores de uma natureza humana, encaixados em uma mesma definição e com as mesmas qualidades básicas. Diferentemente disso, para Jean-Paul Sartre (2013), o homem é como ele se quer e como se concebe a partir da existência. Portanto, o existencialismo não se empenha para demonstrar que Deus não existe; a questão central é esta: mesmo que Deus existisse nada mudaria, pois não poderia livrar o homem de sua condição humana. “O homem precisa encontrar-se ele próprio e convencer-se de que nada poderá salvá-lo de si mesmo, mesmo que houvesse uma prova incontestável da existência de Deus”. (SARTRE, 2013, p. 61-62)

Assim como na vida não há certezas e garantias, na morte também não. A única certeza é a resposta vivencial, aquela que não prescinde a conceitual e racional, mas que as articula na vivência, em que é encontrada. Nesse sentido, uma “certeza” do que se vivenciará na vida após a morte pode se construir e ser afirmada pela certeza do que se vivencia em vida: a relação pessoal com Deus, uma relação que, tal como as relações virtuais no ciberespaço, está disponível, mas não necessariamente acessível, pois depende de uma decisão responsável e é uma questão de autoria: vida eterna historicizada em sua “própria obra de arte” e espiritualizada pela fé, hoje, aqui e agora, eternamente.

Autor de sua história e de suas poesias, Pedro Lyra mostra-se um profundo sabedor da condição humana, da desproporção da relação Deus-homem, dos paradoxos da existência, da virtual relação como o Todo-Poderoso e do próprio Deus, o que se revela de modo contundente ao longo de sua obra *Confronto: Um Diálogo com Deus*, tornando um dilema escolher dentre tantas algumas citações que o fundamentem. Da humana condição experimentada pelo “humano ser” em uma “humana peripécia”, aponta Pedro Lyra (2005, p. 50): (Miserável condição: / todos estamos aptos para todas as baixezas, / não para todas as nobrezas.).

Conhecedor, também, da desproporção da relação Deus-homem, Pedro Lyra (2005, p. 66-67) confronta:

Fizeste-o mesmo assim, plena consciência,
ou apenas, de longe, toleras o resultado?
Mas somos nós que o aturamos.
Então não poderia ser diverso.
Mas pode!
O poder de criar inclui o de destruir, recriar.
Se não queres mudá-lo, nós iremos
acabar usurpando as tuas prerrogativas.
Dispões de todas,
mas nos bastam três:
retraçar as órbitas
– a corrigir os climas;
rever os genes
– a deter as perversões;
clonar os seres
– a anular a morte.
E recriar a vida,
ao gosto dos viventes!

O poeta Pedro Lyra (2005, p. 58) conhece, ainda, os paradoxos da existência e deles fala com propriedade.

Precisamos chegar a tempo – só temos pernas.
Entender a passagem – só temos cérebro.
Desvendar o mistério – só temos olhos.
Isso,
que falta,
talvez seja exatamente o que bastava.

Ou nos manténs assim, insatisfeitos, para nos manter vivos?

Ao dedicar sua obra à virtualidade – não aquela das mídias digitais, mas aquela espiritual da relação homem-Deus – Pedro Lyra (2005, p. 42) descreve o próprio Deus com intimidade e irreverência.

Eterno, Infinito, Perfeito – teu Ser
escaparia ao lince de nossa mente, tão acanhada.
Mesmo assim, tão acanhada,
o que lhe escapa não é o Absoluto
(pois que até a minha, mais acanhada ainda, consegue nomeá-lo):
é apenas ilógico
– o Inominável.

Não seria um paradoxo descrever com tal propriedade algo que se diz não saber existir? Outros (quase) “paradoxos” também parecem ser encontrados na pessoa do poeta. Reconhecido internacionalmente em vida, despoja-se da imponência de seus títulos para se colocar acessível na humildade de um professor, um ícone da poesia brasileira na simplicidade de um igual. Livre para confrontar Deus em sua “passiva expectativa”

e enredado pela intolerável e “animalesca condição” humana, o poeta apela sucessivas vezes por Sua volta, tanto mais “atraído para Deus” quanto maior sua indignação, provocando-O na intenção de receber Sua tão ansiada réplica, cuja ausência o castiga: “E julgo / que devas prezar mais aqueles que Te inquires / do que aqueles que apenas dizem *sim*. / E, no lugar de castigo, por que não uma resposta?” (LYRA, 2005, p. 154, grifo do autor).

6. Conclusão

Sendo a vida humana uma obra de arte para seu autor, parafraseando Maria Lúcia de Arruda Aranha e Maria Helena Pires Martins (2009), o mérito artístico obedece a contingências históricas e culturais, de modo que não se pode ter dela uma interpretação verdadeira nem ir além de paradigmas dominantes para lhe estabelecer sua verdade e adequação. O existente se faz essência enquanto existe. Sem a visão sistêmica da complexa realidade fenomênica que é a sua existência, consumido pela angústia de conceber Deus, angustiado pela inaceitável condição humana e indignado por ter de escolher em que(m) crer e assumir as consequências dessa decisão, o homem rejeita a noção de livre arbítrio. Influenciado pelo paradigma cartesiano, o homem precisa de uma síntese hegeliana que lhe responda se Deus existe.

Nessa arte de se fazer na fluida e líquida era pós-moderna, a virtualidade da comunicação ubíqua e móvel que agora pode se dar entre os homens também através das mídias digitais que conectam o mundo na Internet – marco dessa nova era – é uma novidade, mas não a virtualidade própria da espiritualidade que desde sempre pode acontecer com Deus. Mas como saber se Deus existe? Há como saber se Deus existe?

O saber para um poeta e para os existencialistas não se prende a uma verdade apenas conceitual e racional oferecida pela literatura, mas se abre para crescer a esta um saber que se constrói na vivência, que só é possível na ousadia da experiência e na abertura para fazer dialogar o conhecimento construído com base no método científico com o conhecimento embasado no método fenomenológico. Nesse sentido, uma resposta vivencial pode ser alcançada se uma pessoa se dispuser a experienciar a relação com Deus; caso contrário, ela não saberá se Ele existe.

A questão que deflagra esta discussão sugere que a dificuldade de o homem aceitar sua condição humana que o confronta em sua ilusão de

ser quem não é parece fazê-lo sentir-se alijado dos tão almejados cuidados de Deus, tornando-o, assim, paradoxalmente, ávido por uma relação pessoal com esse Deus. Aceitando ou não sua condição, ela é fato. Então, há a possibilidade de o homem se permitir ousar encontrar suas respostas vivenciais, colocando-se “em situação”, o que vai exigir-lhe transitar pelo conhecimento racional e conceitual de Deus, visitando literatura específica – Sua obra –, e pelo conhecimento empírico, em uma relação pessoal virtual de reciprocidade que guarda reverente hierarquia, para com Ele conviver sabendo, no entanto, que apesar de nunca poder definir o Inconcebível poderá estar certo de sua fidelidade. “Porque desde a antiguidade não se ouviu, nem com os ouvidos se percebeu, nem com os olhos se viu um Deus além de ti, que trabalha para aquele que nele espera” (BÍBLIA, V.T., Is. 64.4, p. 702).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. *Filosofando: introdução à filosofia*. 4. ed. São Paulo: Moderna, 2009.

ATÉ o último homem. Direção: Mel Gibson; Roteiro: Andrew Knight, Robert Schenkkan; Elenco: Andrew Garfield, Ben O'Toole, Benedict Hardie, Firass Dirani, Goran D. Kleut, Hugo Weaving, James Mackay, Luke Bracey, Luke Pegler, Matt Nable, Milo Gibson, Nathaniel Buzolic, Ori Pfeffer, Rachel Griffiths, Richard Roxburgh, Robert Morgan, Ryan Corr, Sam Worthington, Teresa Palmer, Vince Vaughn; Produção: Bill Mechanic, Brian Oliver, Bruce Davey, David Permut, Paul Currie, Terry Benedict, William D. Johnson; Fotografia: Simon Duggan; Montador: John Gilbert; Gênero: Biografia; Duração: 131 min; cor; Distribuição: Diamond Films; EUA, 2016.

AUGRAS, Monique. *O ser da compreensão: fenomenologia da situação de diagnóstico*. Petrópolis: Vozes, 1986.

BARABÁSI, Albert-Laszlo. *Linked: a nova ciência dos networks*. São Paulo: Leopardo, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

_____. *Modernidade líquida*. Trad.: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

BÍBLIA sagrada. Trad.: João Ferreira de Almeida. 76ª reimpr. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira, 1993.

FEIJOO, Ana Maria Lopez Calvo de. *A escuta e a fala em psicoterapia: uma proposta fenomenológico-existencial*. São Paulo: Vetor, 2000.

FORGHIERI, Yolanda Cintrão. *Psicologia fenomenológica: fundamentos, método e pesquisa*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

FRANKL, Viktor Emil. *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração*. 25. ed. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2008.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. 6. ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Universitária São Francisco, 2012.

LE BLANC, Charles. *Kierkegaard*. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.

LEMOS, André; LÉVY, Pierre. *O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia*. 1. ed. 4. reimpr. São Paulo: Paulus, 2014.

LÉVY, Pierre. *O que é o virtual?* 2013. Youtube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=sMyokl6YJ5U>>. Acesso em: 30-04-2017.

LYRA, Pedro. Apontamentos em aula na disciplina *Arte e Representação Social: a arte na pós-modernidade*. Uenf, março a junho de 2017.

_____. *Confronto: diálogo com Deus*. Rio de Janeiro: Ibis Libris, 2005.

_____. Um novo espaço para a cultura. *Revista Tempo Brasileiro: A cultura no ciberespaço*, n. 179. Rio de Janeiro, out.-dez., 2009.

PENHA, Joao da. *O que é existencialismo*. São Paulo: Brasiliense, 2001.

POMPEIA, João Augusto; SAPIENZA, Bilê Tatit. *Na presença do sentido: uma aproximação fenomenológica a questões existenciais*. São Paulo: Educ, 2004.

SARTRE, Jean-Paul. *O existencialismo é um humanismo*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.